# Revista Círculo Piaga

Nº04 - Abril/2026

## “No Campo, Ele dança com sua Foice”

# REVISTA CÍRCULO PIAGA

Direção Geral, Edição e Diagramação: Dom Rafael Nolêto
Textos desta edição: Dom Rafael Nolêto | Thales Silva
Imagem da Capa: Escultura de Robigus da Vila Pagã (fotografia com intervenção de IA).
Esta publicação é uma iniciativa da Associação Círculo Piaga, com o selo editorial da Biblioteca da Vila Pagã.
Contato: rafaellugh@gmail.com
Jornalista Responsável: Rafael Nolêto (DRT 1836 PI)

# Sumário

03. Editorial
04. Calendário Politeísta - Abril
06. No campo, Ele dança com sua foice (Artigo especial sobre Robigus).
10. Herbário Piaga: Citronela
12. Devocionário: Oração do Campo Farto
13. Devocionário: Oração do Espeto de Robigus
14. Quando o homem deixa de ser ele mesmo (Artigo sobre a tradição e os simbolismos das máscaras)
16. As pragas invisíveis da Vida.
19. Mitologia Brasileira: Avati

## Realização:

VILA PAGÃ PIAUÍ - BRASIL

BIBLIOTECA DA VILA PAGÃ

DEVOTIO, NEXUS ET ACTIO

# EDITORIAL

Salve Nobres almas!

A edição de abril da Revista Círculo Piaga convida o leitor a olhar com mais atenção para aquilo que cresce e também para aquilo que corrói. Entre os campos férteis e as ameaças invisíveis, entre o sagrado que floresce e as forças que tentam dissolvê-lo, esta edição se constrói como um chamado à consciência e à vigilância.

Abrimos com o calendário politeísta, que nos situa no ritmo do tempo sagrado, lembrando que viver bem exige saber caminhar em harmonia com os ciclos. Em seguida, voltamos nossos olhos aos campos, onde Robigus nos ensina que toda colheita exige proteção, e que negligenciar as pequenas ameaças pode comprometer grandes obras.

No Herbário Piaga, apresetamos a citronela como símbolo dessa sabedoria prática: aquilo que, no plano material, repele pragas, no plano espiritual também purifica e reorganiza. Já no devocionário, trazemos duas orações especiais.

Esta edição também traz um artigo de Thales Silva sobre as máscaras, onde somos provocados a pensar sobre identidade, transformação e os papéis que assumimos diante do mundo. Em paralelo, o texto sobre as pragas invisíveis da vida nos chama à responsabilidade.

Por fim, ao revisitarmos a mitologia brasileira com Avati, reafirmamos nosso compromisso com um paganismo enraizado, vivo e coerente com a realidade do nosso povo.

Que esta leitura seja transformadora. Que cada página desperte discernimento, fortaleça o espírito e inspire ação.

Se esta revista lhe toca e fortalece seu caminho, considere apoiar a continuidade deste trabalho e as ações do Círculo Piaga. Contribuições podem ser feitas via PIX: 86994160070. Toda ajuda mantém viva esta obra comunitária. Que os Deuses abençoem seus dias com fé e discernimento. Aweté!

*Dom Rafael Nolêto*

Sacerdote Piaga

# Calendário Politeísta
# Abril

- **01/04 (quarta-feira).**

*Lua Cheia. Venerálias na Linha Romana: festa romana de Vênus; celebração ao amor, beleza e harmonia.*

- **02/04 (quinta-feira).**

*Lua Cheia. Festival de Cibele (Grande Mãe): celebração de fertilidade, proteção e força materna.*

- **03/04 (sexta-feira).**

*Lua Cheia. Paixão de Cristo.*

- **04/04 (sábado).**

*Lua Cheia. Megalésias: festas romanas de Cibele; reverência à Mãe dos Deuses.*
*Sábado de Aleluia: vigília pascal; espera e renovação.*

- **05/04 (domingo).**

*Lua Cheia. Festival de Kuan Yin: honra à deusa da cura e compaixão na Linha do Oriente Médio.*
*Celebração da Páscoa: renascimento e esperança; vitória da vida.*

- **07/04 (terça-feira).**

*Lua Cheia. Dia Mundial da Saúde: atenção à saúde e ao bem-estar.*

- **10/04 (sexta-feira).**

*Lua Minguante. Dança do Sol (druidismo): celebração da luz; vitalidade e alegria ritual.*

- **15/04 (quarta-feira).**

*Lua Minguante (Lua Negra). Fordicídias: festas romanas a Tellus, celebrando a fertilidade da Terra e as colheitas.*

- **16/04 (quinta-feira).**

*Lua Minguante (Lua Negra). Festival em honra a Apolo e Tellus: celebração de luz, ordem e cura (Apolo); reverência à Mãe Terra (Tellus).*

- **19/04 (domingo)**

*Lua Nova. Dia dos Povos Indígenas. Dia favorável para realizar uma oferenda à Linha do Culto Índio.*

- **21/04 (terça-feira).**

*Lua Nova. Parílias: festa romana de Pales; pela proteção dos rebanhos e purificação dos campos. Feriado de Tiradentes.*

- **22/04 (quarta-feira).**

*Lua Nova. Dia da Terra. Dia da Chegada dos Portugueses ao Brasil, marcando o início de um novo ciclo.*

- **23/04 (quinta-feira).**

*Lua Crescente. Vinalias: festa romana ligada ao vinho e a Júpiter; celebrando a prosperidade e abundância. Dia de São Jorge e sincretismo com Ogum, quando se pede por coragem, proteção e fé popular. Dia do Livro.*

- **24/04 (sexta-feira).**

*Lua Crescente. Véspera de São Marcos: noite tradicional para presságios e adivinhações.*

- **25/04 (sábado).**

*Lua Crescente. Robigalias: rito romano a Robigo; proteção das plantações contra pragas. Na Vila Pagã, a celebração da Robigália será no domingo (26/04).*

- **28/04 (terça-feira)**

*Lua Crescente. Florálias: festa romana de Flora, deusa da primavera, alegria e juventude.*

- **30/04 (quinta-feira).**

*Lua Crescente. Beltane (HN) / Samhain (HS): virada sazonal; vida e fertilidade (HN) / culto aos ancestrais e recolhimento (HS).*

# No Campo, Ele dança com sua Foice!

## Quando a destruição é reconhecida, a proteção se torna possível

A frase escolhida para o título deste artigo é repetida pelos devotos que cantam entre fogueiras e passos ritmados, celebrando uma divindade que, à primeira vista, poderia causar temor. Robigus (ou Robigo) é o deus que caminha entre a vida e a destruição, aquele que pode arruinar a lavoura com a ferrugem ou protegê-la com a mesma intensidade. E é justamente por essa dualidade que ele é celebrado com alegria pela comunidade piaga.

### A origem de um deus temido

Na antiga religião romana, Robigus era uma divindade ligada à ferrugem que atacava os cereais, u uma das maiores ameaças à subsistência das comunidades agrícolas. Em um mundo onde a sobrevivência dependia diretamente da produção do campo, qualquer praga representava prejuízo, instabilidade e morte.

Associado também ao deus Marte, Robigus assumia um caráter ctônico, ligado à terra e às forças invisíveis que atuam sobre ela. Ele transita entre domínios físicos e espirituais:, controlando aquilo que se infiltra silenciosamente, que se espalha e que, se não for contido, devora o fruto do trabalho humano. Por isso, ele é venerado, mas também apaziguado.

### Robigalia: o rito contra a devastação

Para conter a fúria de Robigus, os romanos celebravam a Robigalia, um festival onde pediam proteção contra as pragas. Era um rito profundamente pragmático e simbólico, onde a existência da destruição não era negada, mas reconhecida como parte dos desafios da produção.

A Robigalia expressava uma sabedoria ancestral: aquilo que pode destruir também pode proteger, quando devidamente honrado. Esse princípio permanece vivo até hoje.

### O medo ancestral das pragas

Antes da tecnologia, dos pesticidas e sistemas modernos de controle agrícola, havia apenas a observação da natureza e também o medo. As pragas eram fenômenos biológicos que acarretavam experiências coletivas de perda, de impotência e de incerteza. A ferrugem que avermelhava as plantações era um sinal de que algo havia saído do controle. Esse temor moldou culturas inteiras e, de certa forma, ainda nos acompanha. Mesmo fora do campo, continuamos lidando com “pragas” que surgem em nossos caminhos: desafetos, sentimentos ruins, dificuldades ou algo que nos tira do eixo.

## Um culto reinventado no Brasil

Diferente de muitos deuses populares, Robigus atravessou os séculos quase esquecido. Seu culto não foi amplamente preservado nem mesmo por movimentos reconstrucionistas europeus. Foi no Brasil, dentro da vivência do paganismo contemporâneo, que ele encontrou um novo fôlego e uma nova expressão.

O culto a Robigus foi resgatado, reinterpretado e integrado à prática comunitária da Vila Pagã, assumindo características próprias. Aqui, ele não é apenas o senhor da ferrugem, mas o guardião contra as pragas em geral, incluindo ameaças físicas e simbólicas — desde infestações na lavoura até invasores e forças desestabilizadoras .

A Robigalia voltou a ser celebrada, reunindo devotos em ritos anuais, com cânticos, oferendas e forte participação comunitária.

As Robigálias passaram a ser mais do que reconstrução histórica e se tornaram uma tradição viva.

## A face dual de Robigus

Robigus não é um deus dócil. Como é possível notar em nossos cânticos tradicionais, Ele é descrito como rubro, genioso, portador de uma foice que tanto colhe quanto corta. Ele caminha com os ventos que carregam os fungos, determinando ganhos e perdas na lavoura. A imagem de Robigus nos revela sua natureza essencial: ao invés de eliminar o risco, Ele lida com ele e o governa. Por isso, sua presença exige respeito, atenção e equilíbrio.

*"...aceitamos a realidade da impermanência e afirmamos a paixão pela vida mesmo diante dos riscos que ela nos traz."*

## Por que celebramos com alegria?

À primeira vista, pode parecer contraditório celebrar um deus associado à destruição. Mas a lógica politeísta é mais profunda. Nós celebramos Robigus porque reconhecemos sua força, buscamos sua proteção, aceitamos a realidade da impermanência e afirmamos a paixão pela vida mesmo diante dos riscos que ela nos traz.

Na tradição contemporânea, a Robigalia é marcada por cânticos, danças e fogueiras, onde a comunidade se reúne para afastar simbolicamente as pragas e renovar a confiança no ciclo da vida. Os cantos tradicionais expressam esse espírito festivo:

*"No campo, ele dança com sua foice*
*É Robigus que vem e afasta a praga"*

E ainda:

*"Gira, canta, faz fogueira aqui*
*com Robigo a dançar"*

A celebração não ignora o perigo; ao invés disso, os devotos transformam os riscos em oportunidades de celebrar a capacidade de superação de desafios.

## Ritos e símbolos no culto contemporâneo

No paganismo brasileiro, o culto a Robigus incorpora elementos simbólicos fortes:

- **Fogueiras**: que queimam simbolicamente aquilo que ameaça;
- **Espantalhos**: representando sua face destrutiva, posteriormente consumida pelo fogo;
- **Guirlandas**: feitas com cores quentes, representando proteção e abundância ;
- **Ferramentas agrícolas**: consagradas como instrumentos de trabalho e defesa.

Tudo isso reforça a ideia de que proteger a lavoura é também proteger a vida.

## Como celebrar Robigus

O devoto pode honrar Robigus de diversas formas, respeitando sua essência:

- Acender velas vermelhas ou alaranjadas;
- Fazer oferendas com grãos, palhas e elementos do campo;
- Preparar uma guirlanda e colocá-la na entrada da casa ou da lavoura;
- Realizar orações pedindo proteção e fartura;
- Participar de ritos comunitários, especialmente na época da Robigalia.

Mais importante do que a forma é a intenção: reconhecer as forças que atuam sobre aquilo que cultivamos.

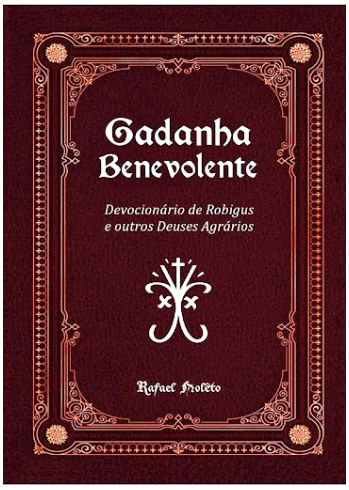
## Robigus além do campo

Se antes as pragas estavam apenas nas lavouras, hoje elas também se manifestam na vida humana, através de conflitos, inveja, desordem, desgaste emocional ou rupturas comunitárias.

Nesse sentido, no Piaganismo Robigus se torna um símbolo ampliado, entendido como o guardião contra aquilo que corrói silenciosamente. Honrar Robigus é um chamado à vigilância, à responsabilidade e ao cuidado com aquilo que construímos.

## Entre o medo e a celebração

Para encerrar este artigo, convido você a refletir sobre uma lição muito importante que Robigus nos ensina: não se vence a destruição negando aquilo que destrói, mas sim reconhecendo sua existência e estabelecendo uma relação consciente e sábia com ela. Robigus não dança no campo para devastar indiscriminadamente, mas para lembrar que toda colheita depende de estratégia e equilíbrio. Por isso, quando cantamos ao redor da fogueira que queima a face perversa de Robigus, celebramos nossa resistência, nossa vitória sobre as pragas e a continuidade da vida.




**Para saber mais:**
GADANHA BENEVOLENTE: Devocionário de Robigus e outros Deuses Agrários. Rafael Nolêto

# Herbário Piaga: Citronela

## *Cymbopogon winterianus*

Muita gente conhece a citronela como aquela planta “famosa por espantar mosquitos e tornar o ambiente mais suportável”. De fato, ela cumpre esse papel com excelência. Mas limitar a citronela a um simples repelente natural é não enxergar o alcance real de sua força. Além de repelir insetos, a citronela também afasta aquilo que, muitas vezes, não conseguimos ver, mas conseguimos sentir.

Se considerarmos que o mundo espiritual também tem os seus mosquitinhos e vampiros astrais, também teremos a citronela como uma boa aliada.

Seu aroma cítrico, que lembra o capim-limão carrega uma propriedade mágica que limpa, organiza e clareia. Usar a magia dessa erva é como abrir as janelas da casa depois de dias fechados: o ar circula, o ambiente muda e, curiosamente, a mente também.

### Entre o físico e o sutil

No plano material, a citronela repele mosquitos, borrachudos, traças e até formigas. Seu óleo essencial é eficaz contra o *Aedes aegypti*, transmissor da dengue, além de mosquitos como o *Anopheles dirus* e o *Culex quinquefasciatus*.

Dizem que o uso de citronela afasta besouros, baratas e até contribui no combate a fungos. De toda forma, ela protege nosso lar.
Essa lógica de proteção também se manifesta no campo espiritual. Assim como afasta insetos, a citronela atua como um agente de banimento energético, afastando pensamentos pesados, limpando ambientes carregados, dissipando tensões acumuladas e até aquela sensação ruim difícil de explicar que às vezes paira no ar.

## A magia da citronela

A força da citronela está na sua capacidade de transmutar. Além de expulsar energias indesejadas, ela reorganiza o ambiente, promovendo leveza, clareza e harmonia. É uma poderosa planta de limpeza, mas também de renovação. Seu uso em lavagens, aspersões ou defumações cria um espaço mais purificado, tanto física quanto espiritualmente.

## Como usar a magia da citronela no dia a dia?

A vantagem da citronela está justamente na sua praticidade. Não exige rituais complexos, apenas intenção e constância.

**Limpeza energética com spray**
Prepare uma mistura simples com água, álcool e folhas de citronela. Deixe descansar por no mínimo três dias e depois borrife nos cantos da casa, portas e janelas.

**Vassoura mágica**
Amarre ramos de citronela em uma vassoura com uma fita verde.
Use-a para varrer o quarto ou a casa com uma intenção clara: abrir caminhos, renovar relações, atrair boas conexões. É um rito simples, direto e surpreendentemente eficaz.

**Aromatização consciente**
Velas e incensos de citronela são excelentes para criar um ambiente limpo, leve e equilibrado. Perfeitos para momentos de descanso, leitura ou até para "quebrar" um clima pesado após um dia difícil.

**Repelente natural poderoso**
Deixe folhas de citronela em álcool de cereais por 20 dias a um mês. Se quiser potencializar, adicione cravos-da-índia. Você terá um repelente natural forte, que protege o corpo e o espírito.

**Presença viva da planta**
Ter um vaso de citronela, especialmente na entrada da casa, funciona como uma espécie de "guardiã". Ela cria uma barreira sutil, mantendo o ambiente mais protegido e equilibrado.

Às vezes, o cuidado está nos pequenos gestos que cultivamos. Assim como não deixamos uma casa tomada por insetos, também não devemos permitir que pensamentos pesados e energias estagnadas se acumulem. A citronela nos lembra disso!

# Oração do Campo Farto

### para Abundância dos Campos Produtivos

Com fartura e abundância
Com bons frutos, cereais
Com coragem, nós plantamos
Garantindo nossa paz

Vento leve, sol amigo
Tudo em ordem, moderado
Chuva boa para as plantas
E capim bom para o gado

Belos pastos verdejantes
Lavoura com muitos grãos
Bênçãos dos deuses da terra
Pra nossa alimentação

No campo se planta a vida
Para a continuidade
Matéria-prima e comida
Para o pagus e a cidade

Aos deuses antigos, rezo
Com respeito e devoção
Para que tragam fartura
Não deixeis faltar o pão

Em troca, oferecemos
Aqui, nossa libação
Entregamos oferenda
Com a nossa gratidão.

Após recitar esta oração, derrame na terra um pouco de vinho, leite ou água adoçada com mel.

# Oração do Espeto de Robigus
## Contra Ladrões e invasores

Segurando um prego na mão e com uma vela vermelha (ou laranja) acesa, reze a seguinte oração. Após a oração, crave o prego na vela e depois descarte nos limites da terra.

Pela chama que eu acendo
Pelo prego com o qual furo
Ao bandido, não me rendo
Ergo cerca, ergo muro

Contra qualquer invasor
Contra bandido e ladrão
Os condeno ao dissabor
À dor e a decepção

Robigus, dono do espeto
Da foice e da ferrugem
Perfurai o esqueleto
Dos que, contra mim, surgem
Pelo prego e pela chama
Robigus, me protegei
Mau homem não me engana
Com este espeto, furarei

Robigus, com sua foice
Sua ferrugem vermelha
Com a força de um coice
Ferroai como uma abelha

Protegido está meu lar
Toda a gente da minha terra
Quem quiser desafiar
O espeto não lhe erra.

# Quando o Homem Deixa de Ser Ele Mesmo

## O papel dos mascarados no afastamento do mal e na organização simbólica das comunidades

*Por Thales Silva | Historiador e membro do Círculo Piaga (@lthalesz)*

Desde tempos remotos, diversos povos pelo planeta convergiram independentemente para uma mesma prática: cobrir o rosto. Longe de simples disfarce, a máscara constitui uma tecnologia simbólica que revela o invisível, o sagrado e a transformação. É ponto de encontro entre quem somos e quem podemos nos tornar, entre o tempo vivido e o tempo que nos transcende.

Analisando diversas tradições rituais que possuem mascarados mundo afora, conseguimos perceber padrões que demonstram semelhanças e diferenças. Muitas máscaras adotam formas humanas, ainda que distorcidas ou amplificadas: o *Su Componidori* italiano, o *Bettelnarr* alemão, os *Gilles* belgas. Essas máscaras antropomorfas permitem que a comunidade se reconheça de fora, confrontando seus medos e hierarquias.

Quando a máscara busca seu modelo na natureza animal, se percebe outra lógica. Porcos na Lituânia, javalis na Alemanha, cavalos na Inglaterra: essas figuras zoomorfas expressam a dependência e a tensão entre o humano e o mundo que o sustenta e ameaça.

Os ursos austríacos da Bärenbande, simulando doma, reconhecem a fragilidade do controle humano.

O *Hobby-horse* inglês conecta comunidades à memória rural profunda e o *Straw Bear*, de palha, anuncia o retorno ao trabalho nos campos, materializando o ciclo das estações. As máscaras monstruosas possuem características que chama bastante atenção, desde demônios, bruxas, esqueletos sem rosto: seu design delirante serve, paradoxalmente, fins protetores. Os *Busós* húngaros afugentam espíritos invasores, os *Kurenti* eslovenos expulsam males do inverno, os *Namahage* japoneses disciplinam crianças preguiçosas e o *Kropemann* luxemburguês impede afogamentos.

O monstro educa pelo medo e protege pela ameaça simbólica. Assim, cada máscara é cartografia viva: revela onde vive quem a usa, como vive, com o que vive, o que teme e reverencia.

Universal em sua função de mediação entre mundos, local em sua matéria e significados, ela responde perguntas fundamentais da condição humana, por exemplo, como viver, transformar-se, persistir, proteger, com os elementos mais terrenos: madeira da floresta, cera da colmeia, palha do campo.

O sagrado, longe de habitar lugares distantes, aguarda apenas o gesto humano de reconhecê-lo, de dançar com ele pelas ruas da aldeia e da cidade, pelas transições da vida, pelos rostos que somos e os que, por um momento, nos tornamos.

Kropemann (Luxemburgo)

Su Componidori (Itália)

Busós (Hungria)

Kurenti (Eslovênia)

# As Pragas Invisíveis da Vida

## Uma reflexão sobre as corrupções da alma e da comunidade

Ao longo da história, os povos antigos reconheceram que nem todas as ameaças vêm com estrondo. Algumas chegam em silêncio, infiltram-se, espalham-se lentamente e, quando percebidas, já consumiram parte significativa daquilo que sustentava a vida. Na Vila Pagã, observamos isso com os cupins que devoram grandes troncos em pouco tempo, com os escorpiões que se instalam quando há descuido com a limpeza ou com os morcegos que adentram quando se deixam aberturas no telhado.

Na tradição romana, cito aqui a figura de Robigus, associado à ferrugem que atacava os campos de trigo, uma praga que se alastrava de forma persistente, quase imperceptível em seu início; um mal que não destruía de imediato, mas corroía com constância.

Esta imagem é profundamente simbólica. Pois assim também se manifestam muitas das pragas que atingem a vida humana e, sobretudo, as comunidades espirituais. Não são apenas os grandes conflitos que destroem uma comunidade. Muitas vezes, são os pequenos vícios tolerados, os desvios ignorados e os hábitos negligenciados que, ao longo do tempo, comprometem aquilo que deveria florescer.

Há pragas que não vemos, mas sentimos! Se olharmos com honestidade, perceberemos que há pragas que não atacam plantações, mas degeneram corações.

A **inveja**, por exemplo, raramente se apresenta de forma direta. Ela se disfarça de crítica, de distanciamento, de silêncio e até de expressões faciais que não conseguem esconder o incômodo. É uma força corrosiva que impede a celebração do crescimento do outro e, ao fazê-lo, bloqueia o próprio crescimento.

As **intrigas e divisões** seguem caminho semelhante. Pequenas tensões mal resolvidas transformam-se em fissuras; essas fissuras, quando não cuidadas, tornam-se rupturas e, dessa forma, vemos uma comunidade se fragmentando aos poucos.

O **desânimo espiritual** é outra praga silenciosa. A prática se torna irregular, a devoção perde vigor, e aquilo que antes era fonte de sentido passa a ser visto como peso, uma obrigação chata a cumprir.

Há ainda a **vaidade** e as disputas de ego, especialmente perigosas dentro de espaços religiosos. Quando o sagrado se torna palco de afirmação pessoal, o propósito se perde. O foco deixa de ser o culto, a tradição e a comunidade e passa a ser a imagem e o prestígio.

E, por fim, a falta de disciplina espiritual: talvez a mais negligenciada de todas. Assim como um campo abandonado se torna terreno fértil para pragas, uma vida sem prática constante abre espaço para o enfraquecimento interior.

## O paralelo com a terra

A vida rural e a agricultura nos ensinam algo que muitos esquecem: nenhuma lavoura se sustenta apenas com boas intenções. É necessário cuidado contínuo, vigilância e trabalho. O solo precisa ser preparado, as plantas precisam ser protegidas e as pragas precisam ser combatidas com firmeza. Se você identificar uma praga e ignorar ela, isso não faz com que ela desapareça, apenas permite que ela se espalhe. Da mesma forma, isso ocorre na vida espiritual. Para avançarmos no caminho da fé, não basta só desejar crescimento, é preciso proteger aquilo que cresce. Mais importante que iniciar um caminho é sustentá-lo e, sobretudo, é necessário reconhecer que toda vida - seja ela individual ou comunitária - exige manutenção.

## Como enfrentar os tempos difíceis?

Diante das pragas invisíveis, surge a pergunta inevitável: como agir? A resposta pode ser encontrada na conexão com princípios sólidos. O primeiro deles é a **resiliência espiritual**, a capacidade de permanecer firme mesmo quando o ambiente se torna instável. Isso não significa assumir uma postura de rigidez, mas sim de constância. Significa manter-se no caminho mesmo quando o entusiasmo diminui.

Outro ponto essencial é o **eixo interior**. Em tempos de conflito, quem não possui um centro bem definido torna-se refém das circunstâncias. O eixo é aquilo que orienta, que sustenta, que impede que a pessoa seja levada por cada vento de tensão ou desânimo.

A **prudência** e a **coragem** devem caminhar juntas. Há momentos em que é necessário agir, confrontar, corrigir; mas há também momentos em que o recuo estratégico é mais sábio que o embate direto. Saber quando resistir e quando recuar reflete a maturidade, e não fraqueza. Nem toda batalha precisa ser travada, mas algumas, inevitavelmente, precisam ser enfrentadas.

## Comunidade forte não se faz com palavras

Vivemos um tempo em que muitos confundem presença com exposição. Mas participar de uma comunidade não é só ser um ativista em rede social. Uma comunidade real exige presença real, participação ativa e compromisso contínuo; exige tempo, esforço e disposição para servir, mesmo quando não há reconhecimento imediato. Uma comunidade forte não nasce de discursos inspiradores, mas de ações consistentes. Relações comunitárias não se consolidam com curtidas, mas com presença e apoio real.

Uma comunidade espiritual não se sustenta somente com ideias ou com opiniões, mas com responsabilidade e ação. O **serviço voluntário**, nesse contexto, assume um valor profundamente sagrado. O ato sagrado de servir não é apenas ajudar de qualquer forma, mas participar da construção de um legado; é colocar-se como parte viva de algo maior.

Enquanto alguns compreendem sua importância na comunidade, outros assumem uma postura espectadora, um papel cômodo, mas perigoso.

Aquele que apenas observa, opina e consome, mas não constrói, não sustenta. Inevitavelmente, essa postura enfraquece a comunidade à qual diz pertencer. Nenhuma estrutura se mantém somente com críticos ou espectadores. Na verdade, toda obra exige muito mais a presença de construtores. E aqui, quando me refiro à construção, falo não somente de construções físicas, mas intelectuais, artísticas e espirituais. Uma construção coletiva exige coragem e fortalecer uma comunidade não é tarefa simples.

A vida espiritual em comunidade envolve lidar com diferenças, com falhas humanas e com conflitos inevitáveis; exige maturidade para corrigir sem destruir, para orientar sem humilhar, para crescer sem se fragmentar.

Particularmente, acredito que é justamente nesse esforço que reside o valor. Uma comunidade que enfrenta suas pragas em vez de ignorá-las, torna-se mais consciente, mais sólida e mais preparada para qualquer desafio.

Assim como um campo bem cuidado produz com abundância, uma comunidade que identifica suas pragas e que as trata floresce com vigor. Por isso, aqui proponho que você também reflita sobre quais são as pragas presentes em sua própria vida? Quais hábitos têm enfraquecido sua prática? Quais atitudes têm contribuído para a construção (ou para a corrosão) da comunidade ao seu redor?

Reconhecer essas pragas não é sinal de fraqueza, mas de lucidez. Isso é um compromisso contínuo, necessário para garantir uma comunidade forte e próspera.

# Mitologia Brasileira: Wanadi
## A Luz que Ordena o Mundo

Entre os povos Ye'kwana, que habitam a divisa entre Brasil e Venezuela, Wanadi é reconhecido como o grande deus criador, associado à luz solar, à ordem e à origem de todas as coisas. Sua presença representa à sustentação contínua do equilíbrio da existência.

Segundo o mito, Wanadi surgiu junto de outros dois seres destinados a organizar o mundo. No entanto, seus irmãos nasceram deformados, representando as forças que corrompem a vida: a fome, as doenças e a morte. Apenas Wanadi veio ao mundo pleno, luminoso e ordenado, tornando-se o responsável por manter a harmonia diante do caos. Essa narrativa revela uma mensagem interessante: o mal não é uma criação independente, mas uma distorção da ordem original. Wanadi, portanto, não é apenas um criador, é o princípio ativo que sustenta o equilíbrio do mundo, resistindo constantemente às forças desagregadoras.

No paganismo brasileiro, Wanadi é compreendido como filho de Jaci e Guaraci, neto de Tupã, integrando-se ao panteão como uma força solar civilizadora. Representa a clareza, a justiça e a retidão, qualidades essenciais no enfrentamento ao caos,

Seu mito nos ensina que a harmonia não significa ausência de conflito, mas a capacidade de manter a ordem mesmo quando o desequilíbrio se manifesta. Wanadi não elimina a existência do mal, mas impede que o mal domine. Em nosso caminho espiritual, Wanadi representa o equilíbrio, a vigilância e a luz que organiza. Suas oferendas são, em nossa Tradição: frutas maduras, elementos dourados, incensos solares e cânticos entoados ao nascer do sol. Esses gestos são formas de alinhar o indivíduo com a ordem cósmica que Wanadi representa.

Filosoficamente, Wanadi nos ensina que o combate ao caos não se dá pela violência, mas pela firmeza da ordem. Onde há clareza, disciplina e presença, as forças desordenadas não encontram espaço para enraizamento.

Cultuar Wanadi é assumir o compromisso de viver em alinhamento com a ordem do mundo, tornando-se, também, um ponto de luz em meio às sombras.